

## OS ASPECTOS SIMBÓLICOS E POÉTICOS DA PALAVRA “BÚZIO” NA ESCRITA DE SOPHIA ANDRESEN

Cláudia de Socorro Simas Ramos - UFAM<sup>1</sup>  
Sideny Pereira de Paula-UFAM<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho pretende fazer uma abordagem sobre os aspectos simbólicos e poéticos da palavra “búzio” na escrita de Sophia Andresen, numa possibilidade de relacioná-lo a um músico/poeta a evocar o som do mar, numa busca de religação cósmica do homem com o divino. Lê-se no final do conto *A Menina do Mar*, que os búzios *cantam uma cantiga inventada no princípio do mundo*, pois além de serem designados como os ouvidos do mar, sabe-se que transmitem o som dele. Na poesia andreseniana também se faz referência a esse som. Ainda dentro dessa perspectiva, aparece no dicionário de símbolos (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015 p.149) a palavra *búzio* sob esses dois aspectos: sua relação com as águas primevas e seu uso como instrumento de música, ou melhor, como produtor de som.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sophia Andresen; simbólico; poesia, búzios; voz do mar.

### ABSTRACT

This work intends to make an approach to the symbolic and poetic aspects of the word “conch ” in writing Sophia Andresen , a possibility to relate it to a musician / poet to evoke the sound of the sea , in search of cosmic reconnection of man with divine. Read at the end of the tale *The Girl of the Sea*, which the shells sing a song invented in the beginning of the world, as well as being designated as the ears of the sea, it is known that transmit the sound of it. In andreseniana poetry is also referred to that sound. Still within this perspective, appears in the symbols dictionary (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015 p.149) the word *conch* under these two aspects: its relationship with the primeval waters and its use as a musical instrument, or rather as a sound producer.

**KEYWORDS:** Sophia Andresen; symbolic; poetry; whelks; the voice of the sea.

### AQUELA QUE PARTIU

Sophia de Mello Breyner Andresen nasceu no Porto, a 06 de Novembro de 1919, no seio de uma família aristocrática. Viveu no Porto e na Praia da Granja, que a inspirou com o mar e os pinhais, daí vir sua inspiração também para compor poemas com essa temática. Frequentou o curso de Filologia Clássica na Universidade de Lisboa, que não chegou a concluir e, mais tarde, casou-se com o jornalista e político Francisco Sousa Tavares, tendo cinco filhos. Considero importante mencionar estes fatos por acreditar

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGL-UFAM

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós- Graduação em letras-PPGL-UFAM

terem sido a sua motivação para a escrita de contos infantis, como "*O Rapaz de Bronze*", "*A Fada Oriana*" e "*A Menina do Mar*".

Descendente da velha aristocracia portuguesa, educada nos valores tradicionais da moral cristã, dirigente de movimentos universitários católicos, veio a tornar-se uma das figuras mais representativas de uma atitude política comprometida em denunciar a ditadura salazarista e os seus seguidores mais radicais. Foi ainda candidata a Deputada da Assembleia Constituinte, pelo Partido Socialista e tradutora para o português de obras de Claudel, Dante, Shakespeare e Eurípedes, chegando a ser condecorada pelo governo italiano pela sua tradução de "*O Purgatório*"<sup>3</sup>.

A escritora ganhou, ainda, o *Grande Prêmio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores*, o *Grande Prêmio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças* e o *Prêmio 50 Anos de Vida Literária*. Desde 2005, no Oceanário de Lisboa, os seus poemas com ligação forte ao “Mar” foram colocados para leitura permanente nas zonas de descanso da exposição, permitindo aos visitantes absorverem a força da sua escrita, enquanto estão imersos numa visão de fundo do mar. Faleceu a 02 de Julho de 2004 com 84 anos de idade, nos deixando uma vasta obra literária, que ainda hoje é tema de vários estudos na área.

Vejamos, abaixo, o que afirma Rodrigo Machado, estudioso de Sophia, em dissertação recentemente defendida na UFV:

O recebimento do Prêmio Camões foi para Sophia Andresen, conforme Ciça Guirardo (1999, p. 6), um acontecimento ímpar, uma vez que “Para Sophia, o Prêmio Camões é mais importante que o Nobel, porque é específico da língua portuguesa”. Esse amor à língua portuguesa, sentimento que a poeta também compartilha com Fernando Pessoa, que fez da língua sua pátria: “Minha pátria é a língua portuguesa”. Ou seja, há na poesia andreseniana uma consciência lusófona, um cuidado com a língua e com os desdobramentos, uma História simultaneamente comum e diferente (...) (MACHADO, 2012, p. 49)

Por ocasião de seu falecimento, noticiado na imprensa, Manuel da Costa Pinto<sup>4</sup> escreveu:

A escritora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen que morreu na última sexta-feira em Lisboa, aos 84 anos pertencia à primeira geração de poetas que surgiram à sombra incomensurável de Fernando

<sup>3</sup> O PURGATÓRIO (Dante), 1.ª ed., 1965, Lisboa, Minotauro, ilustrações de J. Pomar, L. Freitas, L. F. Abreu, M. Keil, C. C. Pinto, F. Azevedo, C. Botelho, J. Júlio, A. Jorge, Menez, J. A. Manta, A. Charrua 2.ª ed., 1981, Lisboa, Círculo de Leitores.

<sup>4</sup> Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP; jornalista, colunista do jornal Folha de São Paulo.

Pessoa e sob o impacto do grupo Presença (que consolidou o modernismo em Portugal). (...)

De certo modo, como observou a ensaísta Clara Rocha, a obra de Sophia pode ser vista como uma longa e fragmentária resposta ao célebre verso de Hölderlin: "Para que poetas em tempo de indigência?". Seus livros correspondem à busca de uma espécie de graal da linguagem, de um mundo e um tempo utópico, fechado em si mesmo, anterior à separação entre deuses e homens, essência e substância, ser e ente: "Exilamos os deuses e fomos/ exilados da nossa inteireza". (PINTO, 2004)

Sophia buscava em sua poesia a nossa essência retornando através de seus versos ao nosso passado mítico, na qual o homem buscava aproximar-se dos deuses na sua primeira vivência com o sagrado.

## A FONTE DE INSPIRAÇÃO

A autora recorda da sua infância e juventude, a importância das casas, lembrança que terá grande impacto na sua obra, ao descrever as casas e os objetos dentro delas, dos quais se lembra. Expõe da seguinte forma:

Tenho muita memória visual e lembro-me sempre das casas, quarto por quarto, móvel por móvel e lembro-me de muitas casas que desapareceram da minha vida (...). Eu tento (representar), quer dizer, *"voltar a tornar presentes as coisas de que gostei e é isso o que se passa com as casas: quero que a memória delas não vá à deriva, não se perca."*<sup>5</sup> (COELHO, 1986, p.61)

Percebe-se também em Sophia a ideia de poesia como valor transformador fundamental, funcionando como antídoto à busca por acomodação na sociedade atual, de modo que assenta para ela a formulação de Ruy Belo de que "o poeta denuncia-se e denuncia, introduz a intranquilidade nas consciências". (BELO, 2009, p. 367). A sua produção corresponde a ciclos específicos, com a culminação da atividade da escrita durante a noite: "não consigo escrever de manhã, (...) preciso daquela concentração especial que se vai criando pela noite fora.". A vivência noturna da autora é sublinhada em vários poemas ("Noite", "O luar", "O jardim e a noite", "Noite de Abril", "Ó noite"). Vejamos, a propósito, o poema **Noite**:

Mais uma vez encontro a tua face,  
Ó minha noite que julguei perdida.

Mistério das luzes e das sombras  
Sobre os caminhos da areia,

<sup>5</sup> Entrevista concedida a Eduardo Prado Coelho, in ICALP REVISTA, n 6, 1986,60-60

Rios de palidez em que escorre  
Sobre os campos a lua cheia,

Ansioso subir de cada voz,  
Que na noite clara se desfaz e morre.

Secreto, extasiado murmurar  
De mil gestos entre a folhagem,

Tristeza das cigarras a cantar.  
Ó minha noite, em cada imagem  
Reconheço e adoro a tua face,  
Tão exaltadamente desejada,  
Tão exaltadamente encontrada,  
Que a vida há-de passar, sem que ela passe,  
Do fundo dos meus olhos onde está gravada.

(ANDRESEN, 1959, p. 12-13)

Para Massaud Moisés, dos elementos que caracterizavam a poeta, [I]rismo em feminino, que em momento nenhum cede ao fascínio da intelectualização, é a nota mais relevante a registrar.” (MOISÉS, 2006, p. 604). Aceitava a noção de poeta inspirado, afirmava que a sua poesia lhe “acontecia”, como a Fernando Pessoa: "Fernando Pessoa dizia: (Aconteceu-me um poema).” Sophia afirmava o seguinte:

A minha maneira de escrever fundamental é muito próxima deste “acontecer”. (...) Encontrei a poesia antes de saber que havia literatura. Pensava mesmo que os poemas não eram escritos por ninguém, que existiam em si mesmos, por si mesmos, que eram como que um elemento do natural, que estavam suspensos imanes (...). É difícil descrever o fazer de um poema. “Há sempre uma parte que não consigo distinguir, uma parte que se passa na zona onde eu não vejo.”<sup>67</sup> (1972)

A sua própria vida e as suas próprias lembranças são uma inspiração para a autora, pois, como refere Dulce Maria Quintela<sup>8</sup>, ela “*fala de si, através da sua poesia*”. Sophia de Mello fez-se poeta já na sua infância, quando, tendo apenas três anos, foi ensinada “A Nau Catrineta” pela sua ama Laura:

"Havia em minha casa uma criada, chamada Laura, de quem eu gostava muito. Era uma mulher jovem, loira, muito bonita. A Laura ensinou-me a "Nau Catrineta" porque havia um primo meu mais velho a quem tinham feito aprender um poema para dizer no Natal e ela não quis que eu ficasse atrás... Fui um fenómeno, a recitar a "Nau Catrineta", toda. Mas há mais encontros, encontros fundamentais com a poesia: a recitação da "Magnífica", nas noites de trovada, por exemplo. Quando

<sup>7</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, in revista *Crítica*, 1972.

<sup>8</sup> Quintela, 1981, p. 112.

éramos um pouco mais velhos, tínhamos uma governanta que nessas noites queimava alecrim, acendia uma vela e rezava. Era um ambiente misto de religião e magia... E de certa forma nessas noites de temporal nasceram muitas coisas. Inclusivamente, uma certa preocupação social e humana ou a minha primeira consciência da dureza da vida dos outros, porque essa governanta dizia: «Agora andam os pescadores no mar, vamos rezar para que eles cheguem a terra» (...)”<sup>9</sup>(PASSOS, 1982)

As referências e reflexões a partir das experiências de vida do próprio autor não são exclusividade de Sophia; Cesário Verde, Jorge de Sena, por exemplo, são poetas em que transpiram suas visões de mundo e sentimentos, afinal, falamos e escrevemos a partir do que vemos e sentimos, do que nos incomoda ou emociona. A consciência da nossa mortalidade e a inconformidade com isso, por exemplo, como nos versos “A morte é natural na natureza. Mas/ nós somos o que nega a natureza. Somos/ esse negar da espécie, esse negar do que/ nos liga ainda ao Sol, à terra, às águas./ Para emergir nascemos.” (SENA, 1988, p. 201) com que Jorge de Sena encerrou suas *Metamorfoses* (1963), a entender a literatura como perspectiva e lugar de permanência da humanidade.

Desenvolveremos, a seguir, alguns dos tópicos mais relevantes na sua criação literária: Começamos com a infância e juventude, que constituem para a autora um espaço de referência, o que observamos nas obras: "O jardim e a casa", *Poesia*, 1944; "Casa", *Geografia*, 1967; "Casa Branca", *Poesia*, 1944; "Jardim Perdido", *Poesia*, 1944; "Jardim e a Noite", *Poesia*, 1944.

O contato com a Natureza também marcou profundamente a sua obra. Era para a Sophia um exemplo de liberdade, beleza, perfeição e de mistério e é largamente citada da sua obra, quer pelas alusões a terra (árvores, pássaros, o luar), quer pelas referências ao mar (praia, conchas, ondas).

O Mar é um dos conceitos-chave na criação literária de Sophia de Mello Breyner Andresen: "Desde a orla do mar/ Onde tudo começou intacto no primeiro dia de mim". O efeito literário da inspiração no Mar pode se observar em vários poemas, como, por exemplo, "Homens à beira-mar" ou "Mulheres à beira-mar". A autora comenta isso do seguinte modo:

"Esses poemas têm a ver com as manhãs da Granja, com as manhãs da praia. E também com um quadro de Picasso. Há um quadro de Picasso chamado Mulheres à beira-mar. Ninguém dirá que a pintura do Picasso e a poesia de Lorca tenham tido uma enorme influência na minha poesia, sobretudo na época do Coral... E uma das influências do

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida a Maria Armanda Passos, "Sophia, um retrato", in *Jornal de Letras*, nº 26, Fevereiro de 1982.

Picasso em mim foi levar-me a deslocar as imagens."<sup>10</sup> (PASSOS, 1982)

Outros exemplos em que se percebe o motivo do mar são: "Mar" em *Poesia*, 1944; "Inicial" em *Dual*, 1972; "Praia" em *No Tempo dividido*; "Praia" em *Coral*, 1950; "Açores" em *O Nome das Coisas*, 1977. Neles exprime-se a obsessão do mar, da sua beleza, da sua serenidade e dos seus mitos. O Mar surge aqui como símbolo da dinâmica da vida, tudo vem dele e tudo a ele regressa. É o espaço da vida, assim como das transformações e da morte.

A cidade constitui outro motivo frequentemente repetido na obra de Sophia de Mello Breyner, como vemos em "Cidade" em *Livro Sexto*, 1962; "Há Cidades Acesas", *Poesia*, 1944; "Cidade" em *Livro Sexto*, 1962; "Fúrias", *Ilhas*, 1989. A cidade é aqui um espaço negativo. Representa o mundo frio, artificial, hostil e desumanizado, o contrário da natureza e da segurança e, ainda que artifício do próprio homem, é preciso haver a arte, como afirma Antônio Candido:

Ora, tanto quanto sabemos, as manifestações artísticas são coextensivas à própria vida social, não havendo sociedade que não as manifeste como elemento necessário à sua sobrevivência pois, como vimos, elas são uma das formas de atuação sobre o mundo e de equilíbrio coletivo e individual. (CANDIDO, 2000, p. 61).

Outro tópico acentuado com frequência na obra de Sophia é o tempo: o dividido e o absoluto que se opõem. O primeiro é o tempo da solidão, medo e mentira, enquanto o tempo absoluto é eterno, une a vida e é o tempo dos valores morais ("Este é o Tempo", *Mar Novo*, 1958; "O Tempo Dividido", *No Tempo Dividido*, 1954). Segundo Eduardo Prado Coelho, o tempo dividido é o tempo do exílio da casa, associado com a cidade, porque a cidade é também feita pelo torcer de tempo, pela degradação.

A autora era admiradora da literatura clássica. Nos seus poemas aparecem, frequentemente, palavras de grafia antiga (Eurídice, Delfos, Ânfora). O culto pela arte e tradição próprias da civilização grega é lhe próximo, transparecendo ao longo de sua obra, como em "O Rei de Ítaca", *O Nome das Coisas*, 1977; "Os Gregos", *Dual*, 1972; "Exílio", *O Nome das Coisas*, 1977; "Soneto de Eurídice", *No Tempo Dividido*, "Crepúsculo dos Deuses", *Geografia*; "Ressurgiremos", *Livro Sexto*, 1962.

Cabem para falar de Sophia algumas palavras de Ruy Belo, quando afirma que: "(...) o poeta deve surpreender-se e surpreender, recusar-se como instituição, fugir da

<sup>10</sup> Sophia de Mello Breyner Andersen, in livro *Dual*.

integração, da reforma que até mesmo as pessoas e grupos aparentemente progressivos lhe começam subtilmente a tentar impor (...)” (BELO, 2009, p. 367)

Quanto ao estilo de linguagem de Sophia de Mello Breyner Andresen, podemos constatar um estilo característico, cujas marcas mais evidente são: o valor hierático da palavra, a expressão rigorosa, o apelo à visão clarificadora, a riqueza de símbolos, sinestésias e ritmo evocador de uma dimensão ritual. Nota-se uma "transparência da palavra na sua relação da linguagem com as coisas, a luminosidade de um mundo onde intelecto e ritmo se harmonizam na forma melódica, perfeita".<sup>11</sup>(PINTO, 2012)

(...) la lenguaje recobra su originalidad primera, mutilada por la reducción que le impone la prosa y habla cotidiana. La conquista de su naturaleza es total y afecta a los valores sonoros e plásticos tanto como a los significativos. La palabra, al fin en libertad, muestra todas sus entrañas, todos sus sentidos y alusiones, como un fruto maduro o como un cohete en el momento de estallar en el cielo. El poeta pone en libertad su materia.<sup>12</sup> (PAZ, 1990, p. 22)

Para Sophia (1967), o poeta é um enunciador do terrestre e não tem nenhuma convivência com o mundano, libertando-se mostra toda a sua pureza. A sua poesia parte da imanência, mas essa imanência está aberta à plenitude da transcendência. Construindo dessa forma, seus sentidos e significações do nosso estar na terra. A beleza que está na estrutura duma flor, a beleza que está na estrutura do corpo humano, a beleza que está na concha que apanhamos na praia.

## A VOZ DO MAR

O Mar na Literatura Portuguesa, assim como na história, é parte fundamental. Os célebres versos que abrem *Os Lusíadas*, por exemplo, “As armas e os barões assinalados,/ Que, da occidental praia lusitana,/ Por mares nunca de antes navegados” (CAMÕES, 1980, p. 75), corroboram esta afirmação. No entanto, não podendo ignorar o vate quinhentista, nele também não permaneceremos.

Segundo Simecková (2009), o mar pode ser considerado como um fenómeno em geral. Inicialmente apresentava uma fonte de mitos, lendas e histórias, não raramente cheias de um terror inexplicável, espaço de onde, na Antiguidade Clássica, emergiam os

<sup>11</sup> Manuel da Costa Pinto (05-07-2004). [Sophia de Mello Breyner deu vigor à poesia sobre o homem moderno](#) Jornal *Folha de S. Paulo*. Visitado em 2009-05-05. [Cópia arquivada em 2012-12-08](#)

<sup>12</sup> Tradução livre: “(...) a linguagem retoma sua originalidade primeira, mutilada pela redução imposta pela prosa e fala cotidiana. A conquista de sua natureza é total e afeta os valores sonoros e plásticos bem como os significativos. A palavra, por fim em liberdade, mostra todas suas entranhas, seus sentidos e alusões, como um fruto maduro ou como um foguete no momento de se estalar no céu. O poeta põe em liberdade sua matéria”.

deuses e onde, segundo a imaginação dos homens da Idade Média, residiam monstros temíveis. Com a evolução dos conhecimentos humanos, o mar foi se convertendo numa origem de riqueza singular, graças às viagens ultramarinas. A navegação e todas as profissões a ela ligadas vieram completar a pesca enquanto um importantíssimo meio de subsistência para os povos do litoral. Se nos apercebemos de tal realidade, não nos admira que o mar fosse abençoado por muitos.

Por outro lado, também é necessário relevar a face mais obscura da vida daqueles cujo destino fora marcado pelo mar. A solidão e a saudade daqueles que esperavam ansiosamente o retorno dos seus próximos, dos quais muitos jamais encontraram o caminho de volta à terra natal e foram engolidos pelo mar, o que nos leva novamente a Camões e aos famosos versos de *Os Lusíadas*, nos quais se lê:

Canto I, 106

No mar tanta tormenta e tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida;  
Na terra tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade avorrecida!  
Onde pode acolher-se um fraco humano,  
Onde terá segura a curta vida,  
Que não se arme e se indigne o céu sereno  
Contra um bicho da terra tão pequeno? (CAMÕES, 1980, p.127)

A ligação dos ilhéus e povos litorais com o mar reflete-se, como foi anunciado, na vida desta gente que durante longos séculos criaram um relacionamento único e muito forte junto ao mar. Não é um exagero dizer que estes povos “viveram do mar, através do mar e para o mar”.<sup>13</sup>

## O SIMBÓLICO E O POÉTICO DOS BÚZIOS EM SOPHIA ANDRESEN

A simbologia dos búzios remete-nos a vários significados. Na África, era usado como moeda, sendo um símbolo de status e riqueza, razão pela quais muitos Orixás ostentam em suas vestes e paramentos numerosos búzios, representando seu poder espiritual e prestígio, já que são tratados como reis do habitat natural em que atuam.

---

<sup>13</sup> Zily z moře, mořem a pro moře.“ JOURDIN, Michel Mollat du: Evropa a moře, Bratislava, Archa, 1994, p. 193. Disponível em: [https://is.muni.cz/th/75309/ff\\_m/O\\_mar\\_na\\_obra\\_de\\_Sophia\\_de\\_Mello\\_Breyner\\_Andersen.pdf](https://is.muni.cz/th/75309/ff_m/O_mar_na_obra_de_Sophia_de_Mello_Breyner_Andersen.pdf). Acesso em 08 de julho de 2015.

Por outro lado, o Jogo de Ifá, originalmente, era feito com sementes (o Opele), e o uso dos búzios só foi introduzido no ritual do oráculo posteriormente, por razões desconhecidas, mas supõe-se que tenha sido pelo fato de que os escravos não conseguiam essas sementes com facilidade, ao contrário dos búzios, comuns nas praias e sem nenhum valor monetário. A função deles, no candomblé, é revelar a vontade dos Orixás, que se comunicam com o Babalaô através da caída das conchas, transmitindo então suas mensagens e recados aos consulentes.

Na África só os homens podiam usar o jogo de Ifá, mas aqui no Brasil as Ialorixás também passaram a exercer esse papel, sendo esta uma das muitas transformações que ocorreram com os africanos e seus costumes no Brasil.

Sophia de Mello nos faz escutar a voz do mar na sua poesia através dos búzios, em uma atenção com a natureza ou o universo, relacionando-o ao divino “o divino sussurra”. Assim, ouvir o ressoar dos dias e das coisas, no poema evocaria o nascimento da poesia. O búzio possibilitaria estar atenta e escutar o que se perdeu, a cosmo interligação, homem/natureza.

Além da atenção e da relação com o universo, criaria a disposição para escutar a poesia que também implica em estar atento ao mundo. Segundo Rodrigo Machado (2012) “esse poema demonstra a esperança do poeta na comunhão e aproximação dos homens com os deuses, havendo uma grande valorização da natureza, em especial do mar, como elemento que possibilitaria a comunhão e aproximação”, de modo a nos levar “ao caminho da inteireza e da vivência do “dia primordial”.

Portanto, a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma *práxis* socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução, ao gratuito, ao teoricamente incondicionado que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão do mundo. (CANDIDO, 2000, p. 49).

Ao evocar “o rumor do mar dentro de um búzio” tem-se a possibilidade de crer que, mesmo em meio à dissolução, à cinza, à anulação, ao apagamento, a natureza surge através da imagem do mar como realidade que possibilitaria a união do humano com o divino. Consciente da impossibilidade dessa união, o poeta sabia que, ao menos, buscá-la era um sinal de que a mudança poderia acontecer. O homem, ao escutar a voz do mar, poderia encontrar-se com o belo, ordenado numa reinvenção homem/natureza. A voz do

mar para o poeta é sagrada, pois cria em sua alma o cântico da longa e vasta praia, como no poema, a seguir:

Este búzio não o encontrei eu própria numa praia  
 Mas na mediterrânica noite azul e preta  
 Comprei-o em Cós numa venda junto ao cais  
 Rente aos mastros baloiçantes dos navios  
 E comigo trouxe o ressoar dos temporais

Porém nele não oiço  
 Nem o marulho de Cós nem de Egina  
 Mas sim o cântico da longa vasta praia  
 Atlântica e sagrada  
 Onde para sempre minha alma foi criada

(ANDRESEN, 2004, p.10)

Nestes versos, Sophia Andresen usa uma linguagem cheia de imagens evocativas e de alusões, uma métrica livre, criando um mundo abstrato e longínquo, em que o concreto e o presente surgem renovados pelo comentário indireto a situações atuais ou atualizados pelo contexto em que a sua meditação as coloca, pois é através do búzio que o poeta vai fazer a ligação do passado com o presente em um tempo mítico.

Também a metáfora e a comparação são figuras que brotam neste poema, sugeridas, frequentemente, pelos elementos naturais que contribuem para acentuar a comunhão do poeta com a natureza, a união da poesia com aquilo que há de mais primitivo, puro e verdadeiro e que faz parte de suas memórias.

O mar, a voz do mar em Sophia é intertextual na maioria das suas obras. Em especial observadas no conto *Homero*, em que o personagem apresentado pelo narrador chama-se “Búzio”, numa possível referência ao homem/poema. Segundo Oliveira:

Sophia Andresen definia o poema como um homem. Um homem á procura da poesia, e, em consequência, concentra a atenção no ato poético, relaciona-se com os leitores, com a missão de ser um com o outro, ser pedra com pedra, ser água com água (...). O poema tem um corpo, sendo um homem construído de palavras que, por sua vez, também constrói as coisas quem o escreve e o lê.

(OLIVEIRA, 2012, p.129)

“Por isso o poema é o selo da aliança do homem com as coisas”

(ANDRESEN, 1960, p. 54).

Tendo estes dizeres em mente, podemos, então, inferir essas possíveis características apresentadas no personagem Búzio:

No alto da duna o Búzio estava com a tarde. O sol pousava na suas mãos, o sol pousava na sua cara e nos seus ombros. Ficou algum tempo calado, depois devagar começou a falar. Eu entendi que ele falava com o mar, pois o olhava de frente e estendia para ele as suas mãos abertas, com as palmas em concha viradas para cima. Era um longo discurso claro, irracional e nebuloso que parecia, com a luz, recortar e desenhar todas as coisas. (ANDRESEN 1964, p.163).

Sophia assume o estatuto do poeta como “escutador”, portanto a serviço; cujo esforço consiste em “conseguir ouvir o poema todo”, para que ele não se quebre, na tradição da poesia como escuta de uma musa, de um deus, neste caso do próprio poema. Dentro dessa perspectiva, o personagem Búzio interage com o mar e a natureza numa sintonia, parecendo orquestrar a ligação natureza/homem, simbolizando alguém que, em oração, pede algo ao mar, como se este fosse por ele, pelo que “ora”, considerado um deus, o deus que ele conhece como legítimo e que com ele pode ser um com o mar.

A narrativa no conto *Homero* continua a esboçar as palavras como cantos quase visíveis que ocupavam os espaços do ar com sua forma, como vemos abaixo:

Palavras que chamavam pelas coisas, que eram o nome das coisas. Palavras brilhantes como as escamas de um peixe, palavras grandes e desertas como praias. E as suas palavras reuniam os restos dispersos da alegria da terra. Ele os invoca, os mostrava, os nomeava: vento frescura das águas, ouro do sol, silêncio e brilho das estrelas.  
( ANDRESEN,1964 p.163)

Neste trecho do conto, acima, o personagem Búzio simbolizaria quem sabe Homero, na sua harmonia poética entre deuses e homens, remetendo-nos à ordem primeira do homem que busca no mítico, na ligação com a natureza, a sua essência primeira. Homero, criador da *Ilíada*, representa o artista que tira da oralidade os feitos épicos e transforma a poesia em textos escritos.

Sophia também tem seu primeiro contato com a poesia através da oralidade ao recitar *A Nau Catrineta*, que aprendeu a recitar aos três anos, com uma criada (como já citado no início deste trabalho), tendo assim sua primeira experiência poética. Provavelmente devido a esse fato, o poema representaria para Sophia Andresen, uma voz, um *homem* que fala com seu leitor.

A oralidade perpassa pela vida da autora seja na poesia ou na construção de contos, como no caso do conto infantil *A Menina do Mar*, pois, de acordo com a entrevista cedida a Eduardo Prado Coelho (1986), este conto surgiu quando os filhos de

Sophia estavam doentes com sarampo e precisavam ficar quietos; considerando que não gostavam das histórias infantis da época, Sophia resolveu contar sobre uma menina que vivia no mar.

História essa incompleta, pois tinha ouvido de sua mãe quando era muito pequena. Notamos que, para a autora, seu eu poético encontra-se com as coisas do mar, com os búzios, com marujos, caravelas tornando-se o aprendizado para o gosto da forma bela, como no trecho abaixo:

Foi no mar que aprendi o gosto da forma bela  
 Ao olhar sem fim sucessivo  
 Inchar e desabar da vaga  
 A bela curva luzidia do seu dorso  
 O longo espriar das mãos de espuma  
 (ANDRESEN, 2004, p.11)

Pode-se perceber essa característica tão marcante na obra de Sophia, que é evocação de sua infância, a sua predileção pela temática do mar. Qualquer leitor, mesmo que não tenha maturidade literária ou nunca tenha tido contato com a obra dessa autora portuguesa que viveu sua infância junto ao mar, pode perceber esse traço que em sua obra é marcante, razão pela qual...

(...) nos museus da Grécia antiga  
 Olhando estátuas frisos e colunas  
 Sempre me aclaro mais leve e mais viva  
 E respiro melhor como na praia (ANDRESEN, 2004, p.11).

A alusão à Grécia presente neste poema também nos remete ao passado mítico grego, numa tentativa talvez, como já exposto antes, de fazer essa religação do homem com a natureza, da evocação do belo, da perfeição clássica greco-romana que possa em algum momento, ter se perdido ao longo do tempo, depois de tantas transformações pelas quais o homem e sua história passaram. Talvez ele sinta saudades do belo que se perdeu, dessa ordenação do mundo grego, fazendo coro com Camões e tantos outros.

A imagem-símbolo é outro recurso utilizado sistematicamente pela poetisa e que permite captar o real através da imagem e fazer com que essa realidade seja assumida como símbolo.

No que diz respeito à versificação, o ritmo, a rima, o metro, a pontuação e a anáfora, estas atuam para ilustrar os traços de liberdade e de fantasia próprias da escrita de Sophia. O verso e o ritmo livre estão ao serviço da expressão do pensamento e do devaneio. A rima nunca se impõe como rígida ou absorvente. A pontuação é pouco

utilizada de modo a não tolher a imaginação e o sonho. A anáfora, que cria um ritmo repetitivo, serve para marcar a insistência em determinada ideia, emoção ou sensação, ou seja, para representar estilisticamente a redundância semântica.

A função mágica parece ser o núcleo da arte poética de Sophia, mesmo porque ser poeta é ser mágico, tal como o símbolo clássico do Poeta que Sophia faz reviver na sua poesia e a quem presta culto: Orfeu. Este atraía a si os homens, os animais e as plantas; era o grande músico que deslumbrava os seres com a melodia da sua lira; era o mítico poeta que estava em união sagrada com a natureza e a vida. (PEIXOTO, 2001, p.113)

O Búzio na obra andreseniana representaria a melodia da lira de Orfeu, numa possibilidade simbólica da sagrada união do homem com a natureza e a vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um texto, acadêmico ou não, das diversas naturezas e formatos transmitem a união entre os signos e sua evocação simbólica seja na lira de Orfeu ou na poesia de Sophia, um poema precisa ser finalizado, ainda que não seja precisamente conclusivo chegamos a este momento no presente trabalho, mesmo porque ler Sophia de Mello Breyner é exercício para toda uma vida.

Ainda que mantenhamos este paradoxo de sermos mortais e buscarmos certa permanência, traz algum alento que o espaço da arte permita tal realização, ao menos em potencial. Neste momento, pensando no Búzio como um veículo de uma mensagem, mesmo que esta seja o som do mar, associamos à figura do poeta, a um intermediário de inúmeras mensagens, captadas de ilimitados motivos e lugares, a qual direciona a humanidade ao longo do tempo, mesmo que nem todos “encostem” seus ouvidos na “concha”.

## REFERÊNCIAS

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *O Nome das Coisas*. Lisboa: Moraes editores, 1977.

\_\_\_\_\_. *Contos exemplares*, 33ed. Porto: Figueirinhas, 1999

- \_\_\_\_\_. *Navegações*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.
- \_\_\_\_\_. **A Gata Borralheira**. In: *Histórias da Terra e do Mar*. Lisboa: Edições Salamandra, 1984.
- \_\_\_\_\_. **O Silêncio**. In: *Histórias da Terra e do Mar*. Lisboa: Edições Salamandra, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Musa*. 3ª Ed. Lisboa: Caminho, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O Búzio de Cós e outros poemas*. 2ª Ed. Lisboa: Caminho, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Poesia*. 2ª ed. Lisboa: Ática; 1959.
- \_\_\_\_\_. **Hölderlin ou o lugar do poeta**. *Jornal do Comércio*. Lisboa, 30-31 dez. 1967. Suplemento Letras, Artes, Actualidades. 1/11
- BELO, Ruy. *Todos os poemas*. Lisboa: Assírio & Alvim; 2009.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército; 1980.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mito, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 25ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 8ª Ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- COELHO, Eduardo Prado. Sophia de Mello Breyner Andresen fala a Eduardo Prado Coelho. In ICALP – Revista, n 06, Agosto/Dezembro, p.60-70.
- JORGE, Luiza Neto. *19 recantos e outros poemas*. Apresentação de Jorge Fernandes da Silveira; organização de Jorge Fernandes da Silveira e Mauricio Matos. Rio de Janeiro: 7 Letras; 2008.
- MACHADO, Rodrigo Corrêa Martins. **Sophia: “poesia e revolução”**. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 13, Julho 2013*. [<http://www.revistadiadorim.lettras.ufrj.br>], consultada em 08 de julho de 2015, às 18h30min.
- MACHADO, Rodrigo Corrêa Martins. *A emergência de Abril em O Nome das Coisas (1977), de Sophia de Mello Breyner Andresen*. Dissertação apresentada ao Departamento de Letras da UFV. Orientador: Gerson Luiz Roani. Universidade Federal de Viçosa, outubro de 2012.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa através dos textos*. 30ª ed. São Paulo: Cultrix; 2006.

OLIVEIRA, Rita Barbosa de. Sophia: **poemas de mil faces transbordantes**. Editora Travessia, 2012.

PASSOS, Maria Armanda, **Escrevemos poesia para não nos afogarmos no cais**. Entrevista concedida por Sophia de Melo Breyner in jornal de Letras, Artes e Ideias. Lisboa, 16, fev. 1982.

PAZ, Octavio. *El arco y la lira: el poema, la revelación poética, poesía e história*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1990.

PEIXOTO, Maria Jose; FONSECA, Célia. *Dossier Exame*. Lisboa: Editora Asa; 2001.

PINTO, Manuel da Costa. **Sophia de Mello Breyner deu vigor à poesia sobre o homem moderno**. Notícia de falecimento, Folha de São Paulo, 05 de julho de 2004. In <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u45631.shtml>, acessado em 08 de junho de 2015, às 18h.

QUINTELA, Dulce Maria; Silva, Maria Alda; Barroso, Maria Luísa. **Temas de Língua e Cultura Portuguesa**: Lisboa: Editorial Presença, 1981. 112–122 p.

SENA, Jorge. **Poesia II**. Lisboa: Edições 70; 1988.

SIMECKOVÁ, Klára. **O mar na obra de Sophia de Mello Breyner**. Tese apresentada MasarykovaUniverzita v Břevně Filozofická fakulta. [https://is.muni.cz/th/75309/ff\_m\_b1/O\_mar\_na\_obra\_de\_Sophia\_de\_Mello\_Breyner\_Andersen.pdf] consultada em 08 de julho de 2015 às 18h45min

TAVARES, Maria Andresen Sousa. *Sophia de Mello Breyner Andresen no seu tempo. Momentos e documentos*. Seleção, conteúdos e organização por Maria Andresen Sousa Tavares. <http://purl.pt/19841/1/bibliografia/bibliografia.html>, consultada em 09 de julho de 2015, às 16h20min.